

O pós-humano em Stelarc e Masahiro Mori

Stelarc

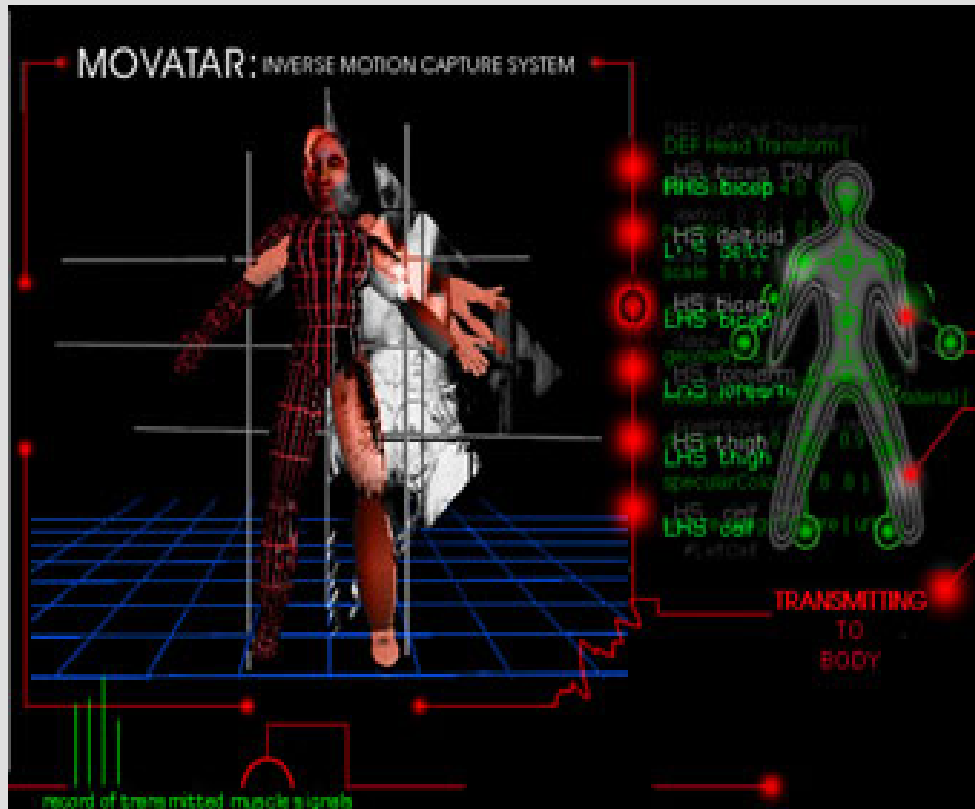
O corpo biológico ‘está obsoleto’ por a sua arquitectura funcional ser extremamente ineficiente, dado ela não se encontrar estruturada segundo o princípio de *design* modular (Stelarc, 2000).

Projecto : “o corpo deixa de ser um objecto de desejo e passa a ser um objecto a ser redesenhado (*designing*)”

As paixões, todos os fardos humanos, seriam eliminados através da reengenharia do corpo (e do espírito):

“A sua [do corpo] química baseada em carbono produz emoções fora de moda (...). O corpo cibernético não é um sujeito, mas um objecto – não um objecto de inveja mas um objecto de reengenharia” (Stelarc, 2000, p. 571).

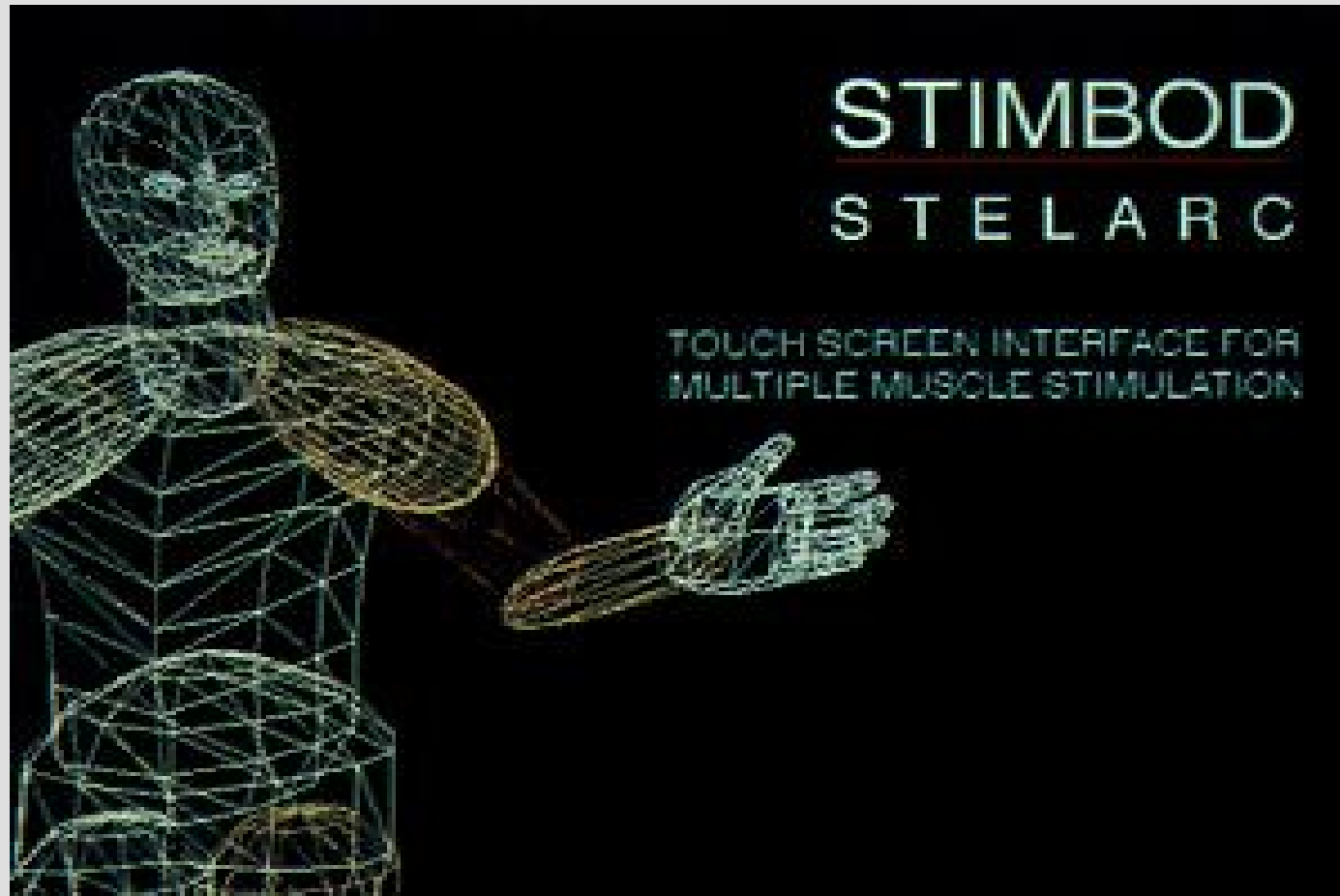
Tornar o homem um objecto implica uma vontade de poder extrema – sobre si mesmo - por parte de um sujeito que é o próprio homem.



Movatar – um computador/avatar que acede ao corpo humano e o dirige no espaço físico



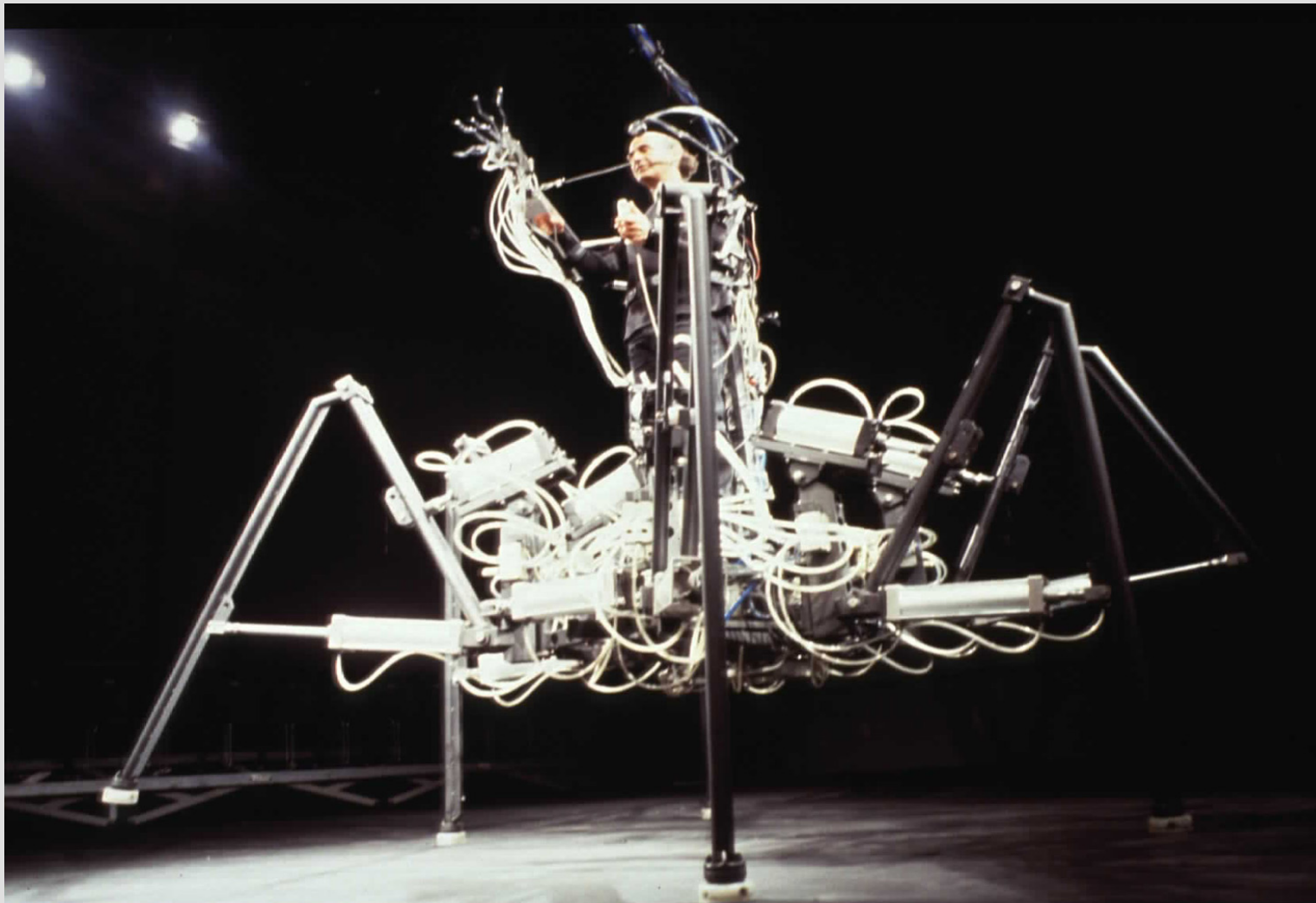
In his Movatar/Avatar performance, Stelarc empties his body of its own desire and fills it instead with the desire of an autonomous Alife entity, literally acting out the human characteristic of reacting/ moving/desiring the desire of another (julie clark)



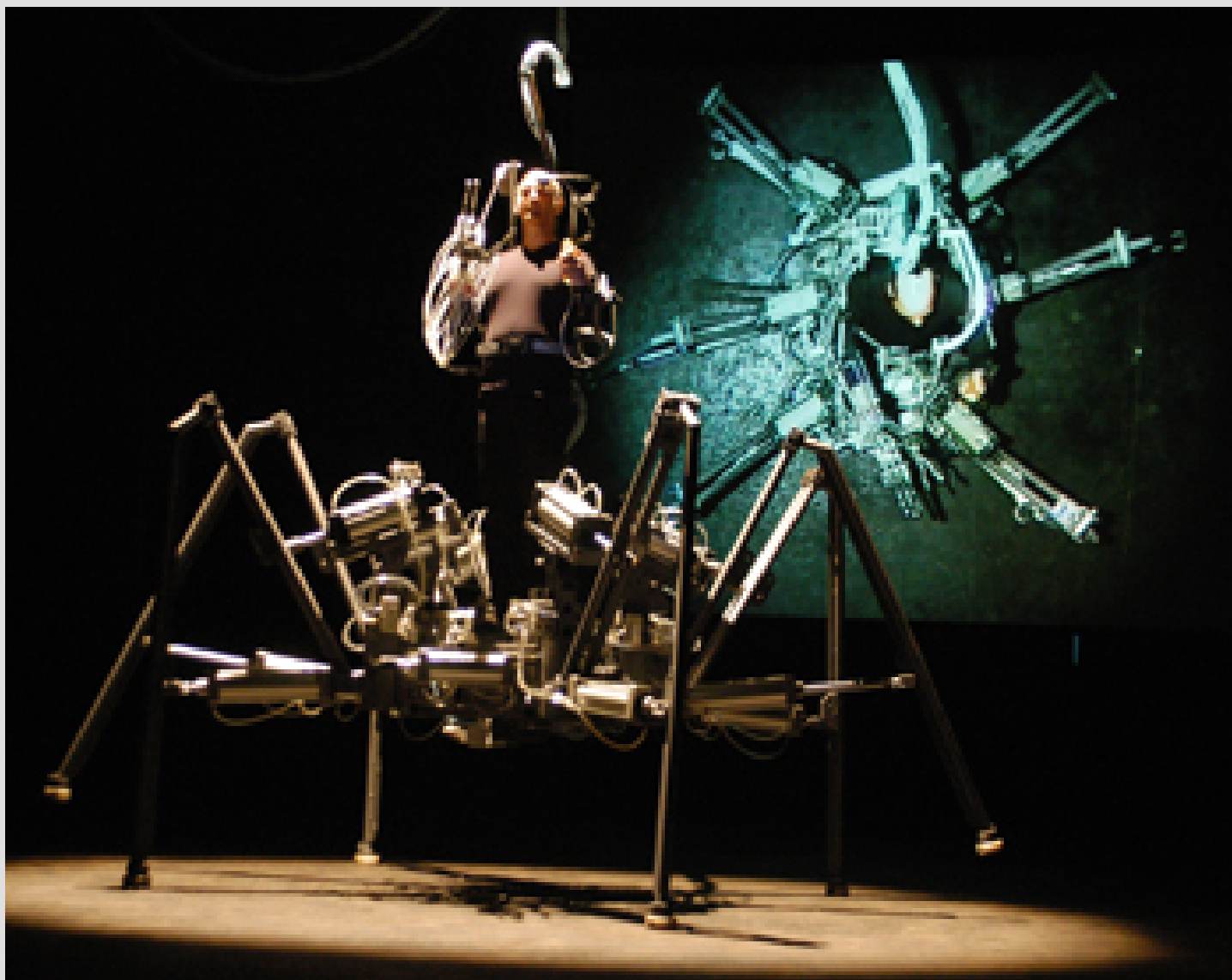
“A two-way tele-Stimbod system would create a possessed and possessing body - a split physiology to collaborate and perform tasks remotely initiated and locally completed - at the same time in the one physiology “ (Sterlac)

Third Hand

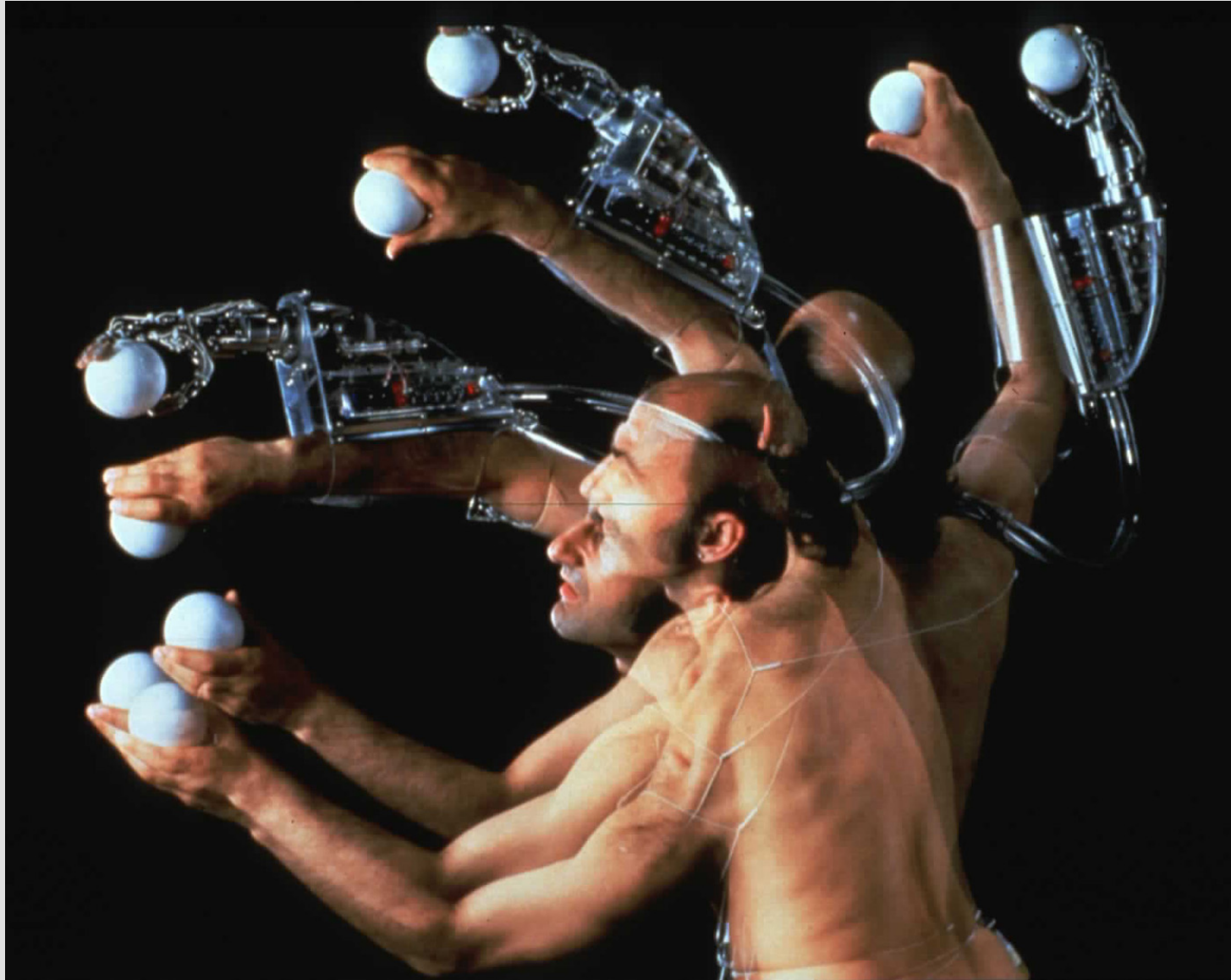




EXOSKELETON: A six-legged, pneumatically powered walking machine has been constructed for the body.



Multiple Hand





Orelha em braço



Pele para uma cabeça prótese



Walking head





“I've done performances where my body becomes, or is partly taken over by, an external agency. What happens when half of your body is being remotely prompted by a person in another place? It's strange.... The more and more performances I do, the less and less I think I have a mind of my own—nor any mind at all in the traditional metaphysical sense.... These alternate and involuntary experiences with technology allow you to question what a body is, what it means to be human. We fear the involuntary and we are anxious about becoming automated... but really it's a fear of what we have always been and what we have already become. I've always thought that we've been simultaneously zombies and cyborgs; we've never really had a mind of our own and we've never been purely biological entities” (Stelarc)

- As misturas homem-máquina e a indiferença face ao desejo

A ausência de desejo:

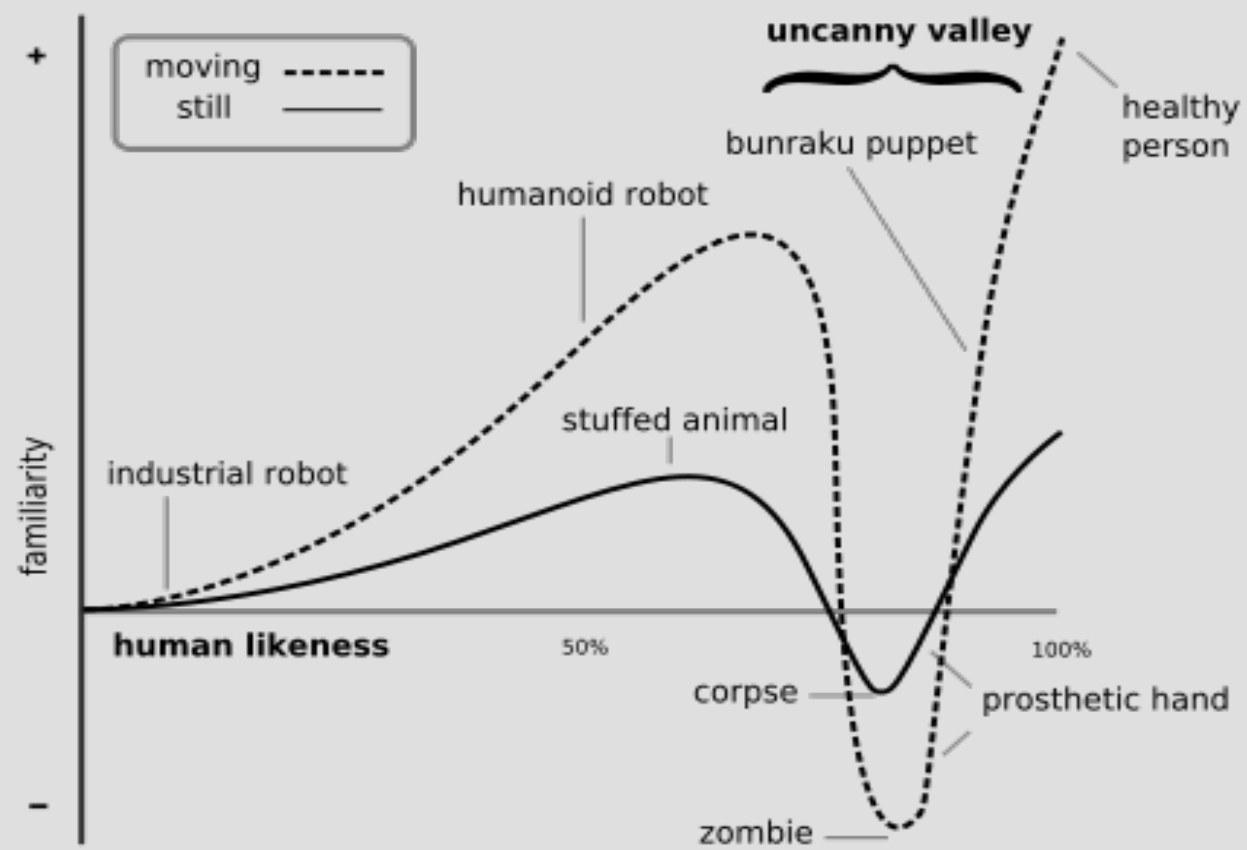
- “We are living in an age of excess and indifference. The body acts with indifference. Indifference as opposed to Expectation”
- A possessão
- Os monstros
- Os duplos
- A expulsão da humanidade e a sua forma monstruosa (a humanidade pós-humana toma a forma dos duplos e monstros)
- O homem é e deve tornar-se um autómato
- O indivíduo humano do desejo insatisfeito procura a sua essência naquilo que o nega, o mecânico, o inanimado

- Stelarc deseja o (seu) nada
- A morte:
“This is the age of the Cadaver”
- O termo da indiferença é a morte, figurada num corpo totalmente novo, em que o desejo é a ausência de desejo
- O humano desaparece nos pós-humano de Stelarc

Masahiro Mori

The Uncanny Valley (1970)

“I feel that robots should be different from human beings”



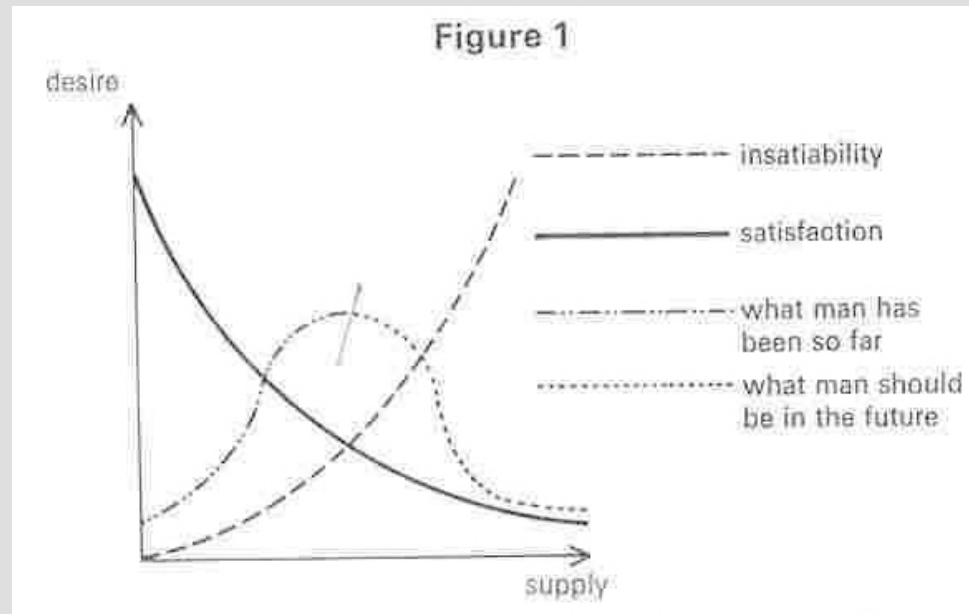
- Robots bastante diferentes de nós
- Quanto mais os robôs se nos assemelham, mais nos é fácil interagir com eles, maior a empatia
- Mas apenas até um certo ponto de semelhança. Existe ‘estranheza’, repulsão, medo, quando os robôs se assemelham bastante, mas não completamente, a nós.
- Existem pequenas diferenças que causam estranheza sobre esse outro ser. Elas repelem-no

O que nos ‘choca’, a ‘estranheza’, é a excessiva semelhança, a perda das diferenças; que os robots não sejam definitivamente outros – robots mecânicos precisamente, totalmente diferentes de nós . Eles são como outros seres humanos, no que estes têm de imprevisível e opaco. Ele seriam para nós tão desconhecidos como um ser humano semelhante.

O que não choca são os robôs, que são **diferentes!**

O desejo segundo Mori

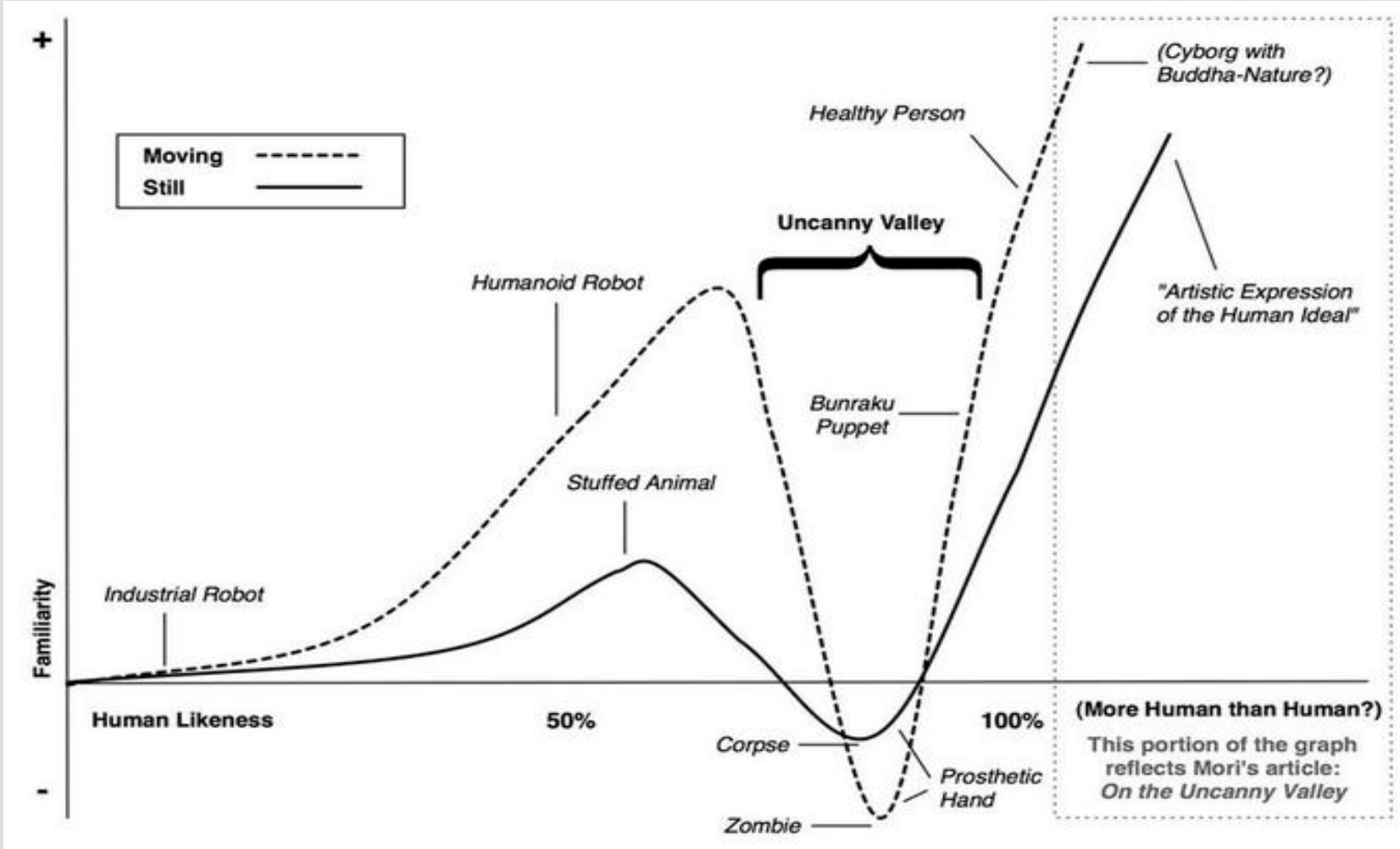
For Mori, the implications of mass social roboticization are not the modern human's most pressing issue. This is human suffering, which is ultimately caused by desire: "the cause of all suffering is rooted in desire." Mori describes the Buddhist understanding of the process of desire with the analogy of a bomb: "one burning desire ignites other desires around it, and the fire spreads as in the bomb. The more we feed desire, the more it grows, until it becomes an explosive form of insatiability" (Mori, 1981, 55).



In Mori 1981

Carta de Mori de 2005

Once I positioned living human beings on the highest point of the curve in the right-hand side of the uncanny valley. Recently, however, I came to think that there is something more attractive and amiable than human beings in the further right-hand side of the valley. It is the face of a Buddhist statue as the artistic expression of the human ideal. You will find such a face, for example, in Miroku Bosatsu (Maitreya Bodhisattva) in Kohryuji in Kyoto, or in Miroku Bosatsu in Chuguji and in Gakkoh Bosatsu (Candraprabha) in Yakushiji in Nara. Those faces are full of elegance, beyond worries of life, and have aura of dignity. I think those are the very things that should be positioned on the highest point of the curve (Mori, 2005)



Chegamos a um robô perfeito, como o Buda. O ideal, a norma, seria um robô – um homem – perfeito, mas que nós é superior. Um ideal que o nosso desejo nos impede de atingir!

➤ Em ambos os lados do vale, existe sempre diferença

O robô perfeito, pós-humano:

I call that its “Buddha nature;” robots, plants, stones, humans, they’re all the same in that sense, and since they all have a spirit, we can communicate with them. For example, when a door hinge makes a sound, it’s crying “Please oil me!” I converse with chopsticks: Thank you!” for letting me use them, I say. They reply, “No problem! This looks delicious! Enjoy!” (M. Mori)

